

Christian Lehmann

Traduções são mal pagas; quem não é tradutor de profissão não pode ter um interesse monetário em fazer traduções. Nem por isso quem faz uma tradução deixa de assumir uma certa responsabilidade por ela.

As tradutoras do livro Schane, Sanford A., Generative phonology, Englewood Cliffs: Prentice - Hall, 1973, versão portuguesa: Fonologia gerativa; Rio de Janeiro: Zahar, 1975 - essas tradutoras apresentaram um trabalho irresponsável. Com mais de 420 falhas de todas as espécies, o sentido do original inglês ficou tão distorcido na tradução portuguesa, que nada mais transparece da qualidade da melhor introdução a fonologia que apareceu até hoje. Essas tradutoras são incompetentes em todos os aspectos em que um tradutor tem que possuir conhecimentos: elas não conhecem a língua-alvo (embora sejam brasileiras), desconhecem a língua-fonte (embora sejam professoras de inglês), desconhecem o assunto, que é fonologia, gramática gerativa e, em geral, lingüística. Daí resultam três tipos de falhas na tradução, que vamos exemplificar e comentar a seguir.

#### 1. Desconhecimento do português

Aparecem erros de gramática, p. ex. fenômenos fonológicos que parecem irregular (p. 112), ou a tradução de weak e strong aspiration por leve e forte aspiração (131). As denominações de classes de fonemas, como vogal ou soante, são femininas em português, e em geral neste livro. Mas a partir da p. 99, obstruinte é masculino. (Isso faz supor que não houve harmonização entre as três tradutoras. Disto há mais provas: voice é, inicialmente, traduzido certo por sonoridade; a partir da p. 77, porém, aparece a "tradução" efeito acústico.)

As tradutoras têm problemas com a pontuação: o que devia ser consoantes simples, palatalizadas e labializadas perde todo o sentido na versão consoantes simples palatalizadas e labializadas (43). Elas não sabem se exprimir: falam diminuir a elevação (111) em vez de abaixar, e surgir foneticamente na superfície (114) em vez de aparecer na superfície fonética. (Trata-se de um caso de transferência do inglês: to surface phonetically.) Elas desconhecem o vocabulário português: romanico vira \*romance (86) e dispositivo (ingl. device) artifício (93). O adjetivo para léxico não é léxico (70), mas lexical.

\*Várias pessoas me ajudaram na compilação e correção dos errata. Maria Cristina Hennes fez uma primeira relação e contribuiu com o levantamento de muitos erros de português.

Com isto já passamos para o assunto "descophecimento da terminologia técnica" (que também poderia figurar na categoria 3 "Incompreensão do assunto"): Em vez de soltura (release) as tradutoras empregam o termo consagrado por Mattoso Câmara, porém inadequado metástase (38 et pass.); nunca ouviram falar em supletivismo, a julgar pela criação suplência (149ss). O termo para traduzir output não é nem resultado (119) nem aplicação (121) nem mesmo output (121), mas saída. O emprego repetido do termo metaplasmo (84 et pass.) não é justificado nem uma única vez.

Há dois termos que eu deixei de corrigir, vez por vez, na lista dos errata: a tradução de coronal por apical (34ss) é inadequada, dado que a referência não é à ponta mas à parte anterior da língua. A introdução do termo coronal em português parece inevitável. E a tradução de back por posterior (53ss) não é viável, porque cria um espúrio par correlativo anterior vs. posterior. O termo recuado parece apropriado, e conseqüentemente a p. 53, onde este traço é introduzido, terá que conter uma nota de rodapé que diga: "Traduzimos o traço inglês [back] por [recuado] e não por [posterior], para evitar a impressão falsa de que ele é contrário de [anterior]". Assim, a terminologia dos traços fonológicos estará conforme o livro de Mateus, M. H. M., Aspectos da fonologia portuguesa, Lisboa: Publ. do Centro de Estudos Filológicos, 19; 1975.

Quanto ao gênero dos traços, tratado sem consistência pelas tradutoras, sugiro deixá-los no gênero masculino quando estão isolados (p. ex. "o traço [recuado]"), e fazê-los concordar nos demais casos (p. ex. "o segmento é [-baixo], a vogal é [+baixa]"). Uma vez aceito isto, parece inevitável também a concordância no número: "as consoantes são [+anteriores]". Isto também não corrigi nos errata.

#### 2. Desconhecimento do inglês

Nossas professoras de inglês traduzem major por maior (91), minor por menor (147) e primary por primeiro (98). Mas não somente os próprios falsos cognatos dão-lhes problemas; elas têm, em geral, uma tendência a traduções literais e erradas: to meet a condition não é encontrar uma condição (123), quite a few não são bem poucas (41). To map, no sentido técnico, não significa nem organizar (117) nem ordenar (134) e sim projetar.

Algumas traduções produzem efeitos cômicos: o argumento de simplicidade está em perigo (135) é para traduzir a simplicity argument is at stake, ou frases contraditórias como ambos no mesmo segmento e em segmentos adjacentes (155), que deve significar both in the same segment and in adjacent segments.

O favorito dos meus colegas é a aplicação da regra de vazio(129) para vacuous rule application, mas eu gostei mais do marcador de tensão (143) como tradução de tense marker. O penúltimo exemplo pertence a uma subcategoria amplamente representada nessa tradução: o não-reconhecimento do escopo de um atributo. Daí fa-lhas como principais traços de classe (48) para major class features e representações taxonômicas ou fonêmicas autônomas (33) para taxonomic or autonomous phonemic representations.

Os últimos exemplos já são casos limítrofes que também poderiam figurar na terceira categoria, pois é possível reconhecer o escopo de um atributo se se compreende o assunto. Quem traduz language specific redundancies por redundâncias especificamente linguísticas (61), certamente comete uma falha de tradução inglesa, mas mostra, ao mesmo tempo, que ele não entendeu a oposição deste conceito ao de redundâncias universais.

### 3. Incompreensão do assunto

Muitos exemplos já discutidos poderiam ser retomados nesta rubrica: traduzir tense marker por marcador de tensão é possível somente se não se notou que a passagem em questão gira em torno de tempo e não de tensão. Outros casos não são ambivalentes neste sentido: quem traduz parenthesized rule por regra entre parênteses (124), pode perfeitamente saber inglês, mas certamente não deu uma única olhada à regra em questão. Do mesmo modo, so mente quem não entendeu que o capítulo pp. 146s trata de interdição de regras e não de regras negativas (o que seria isso?), é capaz da tradução traço de regra negativa para minus rule feature. A tradução romance para Romance nos exemplos p. 83 prova incompreensão desta exemplificação, e quem traduz sound change por alterações nos sons (149) carece de familiaridade com lingüística em geral. Um exemplo particularmente engraçado é a nota de rodapé nº 3, p. 107, acrescentada pelas tradutoras. Elas queriam fazer um comentário inteligente e evidenciam, mais uma vez, que não entenderam nada da argumentação: a nota faria sentido se a passagem referida tratasse da palavra "bonito" em inglês ou em todas as línguas; mas ela trata da palavra joli, que é "bonito" em francês.

A falha já é diferente no caso das "transliterações" como bläckbird (a certain type of bird) por bläckbird (certo tipo de pássaro)(136). Ai já era necessário um verdadeiro pensamento criativo para reconhecer que a perífrase inglesa seria dispensável em outra língua e poderia ser substituída por uma simples tradução (grauna). O mesmo acontece com cantaba "(he) was singing or (he) sang", transliterado por cantaba "(ele) estava cantando ou (ele) cantava"(142). Não era possível notar que a circunlocução no ori-

ginal é devida à falta, no inglês, de uma única forma que corresponda à espanhola, e que, portanto, não devia ser reproduzida numa tradução portuguesa, dado que o português possui tal forma correspondente?

Nem todos os tipos de falhas neste livro são tão logicamente deduzíveis do próprio empreendimento da tradução. Há mais as seguintes categorias:

### 4. Falta de atenção

O que vamos dizer de uma tradução Os traços [silábico] e [soante] aparecem com bastante frequência (49), que deve reproduzir The features [syllabic] and [sonorant] appear well-motivated? Como vamos explicar a estrutura frasal inglesa (68) para English syllable structure ou terceira pessoa(141) para second person? Não é possível. Já o caso dos tres diagramas (137) que são tree diagrams no original, tem uma explicação, embora não seja muito favorável para as tradutoras. Também é notável que a palavrinha não falta ou sobra pelo menos dez vezes no livro, mudando, assim sensivelmente o sentido das frases respectivas.

### 5. Falhas tipográficas

Esta categoria está intimamente relacionada com a anterior, a diferença sendo que uma boa porção das falhas aqui encontradas deve ir por conta da editora Zahar. Há falhas pequenas como indidentalmente(19) ou n por ñ (35); mas há, também, os casos muito mais inconvenientes da falta de frases ou parágrafos (p. ex. p. 44) ou da troca de pedaços do texto (p. ex. p. 119), que ocorrem, pelo menos, uma dúzia de vezes. Se já Sanford Schane não encontrou tradutores dignos de si, esses pelo menos encontraram uma editora digna de si.

### 6. Falhas introduzidas conscientemente

Uma especialidade de nossas tradutoras é a tentativa de melhorar o texto, condenada, em geral, ao fracasso, porque o original é quase (cf. item 7) impecável. Já vimos a nota 3 na p. 107. Há mais uma dessas na p. 117, também sem objetivo evidente. Um caso que se destaca encontra-se na p. 78: Alguém que se julgava conhecedor do alemão, emendou o original e colocou gütik e nötik como pronúncias das palavras gütig e nötig. Acontece que a pronúncia padrão é gütic e nötic, como Schane já tinha colocado. Também não se vê por que nas pp. 134ss abstract devia ser traduzido por hipotético.

### 7. Falhas que já estavam no original

Com tal qualidade da tradução, ninguém val esperar que ela traga alguma melhoria sobre o original. Todas as falhas que nele já estavam (poucas, pois o livro está muito bem feito) pas-

saram despercebidas e reapareceram na tradução. Quem possui o original poderá se interessar pelos itens dos errata identificados por: 33, 5; 78, 25; 81, 16s; 84, 3; 100, 22 (formulação inadequada); 110, 32; 118, 10; 120, 38; 121, 4.

As tradutoras dispensaram um tratamento todo especial aos exemplos ingleses: todos eles receberam uma tradução numa nota de rodapé - uma medida perfeitamente supérflua num livro sobre fonologia. O que devia ser feito é o que foi feito em traduções boas como p. ex. Genouvrier, E. / Peytard, J., Linguística e ensino do português, Coimbra: Almedina, 1974), é uma adaptação dos exemplos para o leitor de língua portuguesa. Em vez de introduzir o som [ʃ] por meio do italiano figlia (39), não era muito difícil substituir isso por filha. O fenômeno da intonação interrogativa podia ser exemplificado tão bem pelo português como pelo inglês (32), e neste caso pouparíamos até mais uma nota loquaz. E a exemplificação espanhola, já discutida (141s), também seria substituível por uma igual portuguesa. Essas seriam, no entanto, maiores intervenções no texto que exigiriam um mínimo de conhecimentos lingüísticos.

Esta "recensão" é, sem dúvida, polêmica e provocativa. Eu espero com isto pôr de sobreaviso outros "tradutores" e também editoras de apresentar trabalhos semelhantes.

Quanto à lista dos errata que se segue e que abrange, em 27 páginas, mais de 420 errata, estou em dúvida quanto à sua utilidade. Ela é útil porque desfaz os erros graves que impossibilitam a compreensão de um livro que merece ser conhecido; mas ao mesmo tempo, não é prática porque relaciona também muitos erros que não interferem com a compreensão. (Ademais, ela é incompleta, pois faltam pelo menos as correções indicadas no item 1. (coronal e recuado e a concordância dos traços.) O que pa rece necessário é antes uma nova tradução do que uma emenda da já existente. Se eu tivesse previsto a extensão dos errata, teria preferido fazer essa tradução. Agora que não se sabe se ela jamais será feita, espero que a disponibilidade da lista de errata anime os estudantes a tomar contato, de novo, com o livro que já abandonaram.

## Errata para Schane, *Fonologia Gerativa*

	onde se lê	leia-se
p. 6, 7	Os principais traços de classe	Os traços de classes principais
p. 6, 9	desempenhado pela língua	desempenhado pelo corpo da língua
p. 6, 13	O parâmetro de simplicidade	O parâmetro de simplicidade
p. 6, 17s	e redundâncias especificamente lingüísticas	e redundâncias específicas de uma língua
p. 7, 1	Metaplasmo de diminuição e aumento	Enfraquecimento e aumento
p. 7, 14	Suplência	Supletivismo
p. 7, 16	Aspectos comuns aos processos	Semelhanças entre os processos
p. 7, 27	Aplicação da regra de vazio	Aplicação vazia de regras
p. 14, 7	língua,	linguagem,
p. 17, 25	de descrição	de descrição
p. 18, 34	então instrui seu aparelho	então instrua seu aparelho
p. 19, 16s	indidentalmente	incidentalmente
p. 19, 22	elocução - são exatamente idênticas	elocução - nunca são exatamente idênticas
p. 19, 29	da mesma forma cada vez.	sempre da mesma forma.
p. 20, 8	noção de significado lingüístico.	noção de significância lingüística.
p. 20, 27	compare <u>tan</u> com <u>stan</u>	compare <u>tan</u> com <u>Stan</u> <sup>10</sup>
p. 20, 35	o controle de uma língua pelo nativo	o controle nativo de uma língua

p. 20, 36	a incapacidade de se distinguir <u>pit</u> de <u>bit</u>	a incapacidade de distinguir-se <u>pit</u> de <u>bit</u>
p. 21, 4	dado que já se reconhecem estilos sociais e dialetos em inglês	dado que existem estilos sociais e dialetos reconhecidos em inglês
p. 21, 9	com a mesma intensidade de força cada vez.	sempre com a mesma intensidade de força.
p. 21, 22	nos permite reconhecer dois níveis de representação	permite-nos reconhecer dois níveis de representação
p. 21, 26	o que estamos chamando uma <u>representação</u>	o que estamos chamando de uma <u>representação</u>
p. 21, 29	- nem um registro do mecanismo articulatório em movimento nem	- nem um registro do mecanismo articulatório em movimento, nem
p. 23, 11	mostra (desde que o mesmo símbolo seja usado) o que pode ser diferente	mostra (desde que o mesmo símbolo seja usado) que o que pode ser diferente
p. 23, 22	representações <u>taxonômicas</u> ou <u>fonêmicas autônomas</u>	representações <u>fonêmicas taxonômicas</u> ou <u>fonêmicas autônomas</u>
p. 25, 36s	porque, ironicamente, a sílaba como unidade ainda não foi definida.	porque, ironicamente, a sílaba, como unidade, ainda não foi definida.
p. 27, 24	em oposição intermediária	em posição intermediária
p. 27, 32	Arredondada Não-Arredondada Não-Arredondada	Não-Arredondada Não-Arredondada Arredondada
p. 28, 5s	Anterior Posterior Não-Arredondada Posterior Não-Arredondada	Anterior Não-Arredondada Posterior Não-Arredondada Posterior Arredondada

p. 28, 10	possui a vogal <u>ɛ</u>	possui a vogal <u>ɛ</u>
p. 29, 11	Baixa <u>ɛ</u>	Baixa <u>ɛ</u>
p. 31, 34	[ <u>fetəgræfij</u> ]	[ <u>fətəgræfij</u> ]
p. 32, 36	( <u>blackbird</u> )	( <u>black bird</u> )
p. 33, 5	ao passo que <u>maɪ</u> <u>maɪ</u>	ao passo que <u>maɪ</u> <u>maɪ</u>
p. 33, 32s	- o anterior e o apical	- anterior e coronal
p. 33, 46	26 Padrão sonoro do inglês (N. do T.)	26 "Padrão sônico do inglês". Título da obra de Chomsky, N. e Halle, M. (N. do T.)
p. 35, 5	k, g, ŋ	k, g, ŋ
p. 35, 25	- ou uma oclusão total ou um estreitamento	- ou uma oclusão total, ou um estreitamento
p. 35, 43	"de plosão"	de "plosão"
p. 36, 18	as alveolares e as reflexas	as alveolares e as retroflexas
p. 37, 9	Em castelhano, há, também,	Em espanhol há, também,
p. 37, 10	uvular <u>X</u> (iota)	uvular <u>X</u> (jota)
p. 37, 16	e as labiodentais <u>f</u> e <u>v</u> contrastam.	e as labiodentais <u>f</u> e <u>v</u> estão em contraste
p. 37, 23	perceptivelmente "mais barulhentas" que outras	perceptivelmente "mais ruidosas" que outras
p. 38, 1	a oclusão é desfeita	a oclusão não é desfeita
p. 38, 10	A metástase fricativa de uma africada	A soltura fricativa de uma africada
p. 38, 13	uma africada com metástase não-estridente	uma africada com soltura não-estridente
p. 39, 1	os lados da língua devem estar baixos, permitindo	os lados da língua estão baixos, permitindo

p. 39, 5	e assim como tam bem em alguns dia letos	e também em alguns dialetos
p. 39, 23	Uma vibrante sim ples denominada D	Uma vibrante simples- simbolizada por <u>D</u>
p. 40, 34	[syəntɔ], "sinto",	[syəntɔ], "sinto",
p. 41, 6s	Bem poucas línguas indígenas	Algumas línguas indíge nas
p. 41, 10	é a única divisão ma ior de segmentos	é a única divisão prin cipal de segmentos
p. 41, 21	como no <u>rock</u> ;	como na música <u>rock</u> ;
p. 42, 3s	passa ocorrer algu ma vez uma consoan te surda.	possam alguma vez occur rér soantes surdas.
p. 42, 5	o contraste de sonori dade é geralmente a companhado	o contraste de sonori dade é frequentemente acompanhado
p. 42, 13	As consoantes fricas xas têm na verdade, variantes sonoras,	É verdade que as conso antes fricas têm va riantes sonoras.
p. 42, 26s	continua a uma con soante nasal; na ter minologia estruturali sta, arqui fonema de travamento nasal.	contígua a uma consoan te nasal [na terminolo gia estruturalista, ar qui fonema de travamen to nasal] .
p. 43, 14	entre consoantes sim ples palatalizadas e labializadas.	entre consoantes sim ples, palatalizadas e la bializadas.
p. 43, 35	Embora estas duas classes difiram de maneiras relevan tes	Embora estas duas clas ses difiram em impor tantes aspectos
p. 44, 9	- são mais ressoan tes, portanto mais características das vogais.	- são mais ressoantes, mais características das vogais.
p. 44, 14-16	- podem, em deter minados contextos, funcionar como síla	podem, eventualmente, funcionar como sílabas. (Uma semivogal síláb

	bas. (Uma semivo gal séria	ca séria
p. 44, 31	onde as vogais an teriores e posterio res são articuladas. Consoantes anterio res são...	onde as vogais anterio res e posteriores são articuladas. Consoantes com essa articulação do tipo vocálico são as pa lato-alveolares, palatais, velares e uvulares. Arti culações do tipo conso nântico estão na parte an terior da cavidade bucal. Consoantes anteriores são...
p. 45, 16	observados na língua	observados na linguagem
p. 47, 10	<u>Dígitos Binários</u>	<u>Traços Binários</u>
p. 47, 36	no aspecto do som".	à substância fônica".
p. 47, 40	dos dígitos binários	dos traços binários
p. 48, 4	Os Principais Tra ços de Classe	Os Traços de Classes Principais
p. 48, 27s (coluna 3)	Nasais silábicas, lí quidas	Nasais e líquidas silá bicas
p. 48, 35	Um conjunto de tra ços torna claras a firmarções referen tes aos relaciona mentos	Um conjunto de traços faz afirmações explíc tas quanto aos relacio mentos
p. 49, 39s	Os traços [silábico] e [soante] aparecem com bastante fre quência.	Os traços [silábico] e [so ante] parecem bem moti vados.
p. 50, 14	Traços Distintivos de Modo de Articula ção	Traços de Modo de Arti culação
p. 50, 15	Contínuos, Metásta se Retardada, Es tridentes	Contínuos, Soltura Re tardada, Estridentes

p. 50, 27	-as oclusivas e a fricados.	- as oclusivas e africadas.
p. 50, 29s	a metástase se realiza de forma diversa.	a soltura se realiza de forma diversa.
p. 50, 31s	As africadas apresentam uma metástase retardada( [+metástase retardada] ); a metástase das oclusivas é instantânea ( [-metástase retardada] ).	As africadas apresentam uma soltura retardada( [+soltura retardada] ); a soltura das oclusivas é instantânea ( [-soltura retardada] ).
p. 51, 5	a metástase fricativa retardada	a soltura fricativa retardada
p. 51, 10	metástase retardada e	soltura retardada e
p. 51, 18	Metástase retardada	Soltura retardada
p. 51, 22	[+nasal] para [-nasal]	[+nasal] a [-nasal]
p. 51, 25	[+lateral] para [-lateral]	[+lateral] a [-lateral]
p. 51, 33	objetivos no desempenho de suas funções respectivas	objetivos quanto às suas funções
p. 51, 34	[metástase retardada]	[soltura retardada]
p. 51, 39	a metástase de uma a fricada	a soltura de uma africada
p. 52, 19	labias	labiais
p. 52, 20	Embora as labiais	Enquanto as labiais
p. 52, 26	e as demais consoantes antes também é evidente	e as demais consoantes também não é evidente
p. 53, 5s	consoantes labiais e labializadas, e entre vogais arredondadas e semivogais arredondadas.	consoantes labiais, labializadas, e vogais e semivogais arredondadas

p. 53, 7	Traços Distintivos quanto ao papel desempenhado pela Língua.	Traços Distintivos Quanto ao Papel Desempenhado pelo Corpo da Língua
p. 53, 18	Desde que, no máximo, apenas dois graus podem ser distinguidos em um único traço dado,	Uma vez que, no máximo, apenas dois graus podem ser distinguidos com um único dado traço,
p. 53, 21s	Se se tomar os dois	Se tomarmos os dois
p. 54, 14	diferençar	diferenciar
p. 54, 23s	a superposição de um som semelhante a um y ou a um w produzindo uma nuance na articulação.	a superposição de um timbre semelhante a um y ou a um w na articulação básica.
p. 55, 1	para a produção das uvulares, não se eleva ([+alta]),	para as uvulares, não se eleva ([-alta]),
p. 55, 11	sofrem uma rotação no ponto de articulação	sofrem uma mudança no ponto de articulação
p. 55, 24	pode ser usado para as líquidas laterais	pode ser usado para as líquidas não laterais
p. 56, 4	Como não se cuidará de línguas tonais,	Como não se tratará de línguas tonais,
p. 56, 14	que se chegou a um	que se chega a um
p. 56, 18s	Um traço distintivo pode ser articulatório (ex. [apical], [alta]), acústico (ex. [soante], [estridente]), ou correlatos perceptuais	Um traço distintivo pode ter correlatos articulatórios (ex. [apical], [alta]), acústicos (ex. [soante], [estridente]), ou correlatos perceptuais
p. 57, 7	pelos processos fonológicos,	pelos mesmos processos fonológicos,

p. 57, 19s	Pelo mesmo motivo,	Do mesmo modo,
p. 59, 9	diferençar	diferenciar
p. 59, 18	No mínimo dois segmentos	No mínimo, dois segmentos
p. 60, 2s	- cada segmento tem um valor declarado referente a cada um dos traços,	- cada segmento tem um valor determinado para cada traço,
p. 61, 20	Por exemplo, se se deseja fazer referência	Por exemplo, se desejamos fazer referência
p. 61, 31s	Redundâncias Universais e Redundâncias Especificamente Linguística	Redundâncias Universais e Redundâncias Específicas de uma Língua
p. 61, 33s	redundâncias <u>especificamente linguísticas</u> ou específicas do sistema e as que são <u>universais</u> .	redundâncias <u>específicas de uma língua</u> ou de um sistema e as que são <u>universais</u> .
p. 61, 36	Redundâncias especificamente linguísticas	Redundâncias específicas de uma língua
p. 62, 5	estão utilizados de modo	são utilizados de modo
p. 62, 8	(embora realmente haja uma africada palato-alveolar)	(há, no entanto, uma africada alveo-palatal)
p. 62, 16s	restrições co-ocorrentes nas combinações	restrições de co-ocorrência nas combinações
p. 62, 28	metástase retardada,	soltura retardada,
p. 63, 3	Esse desenvolvimento será retrçado <u>pe</u> la consideração	Esse desenvolvimento será apresentado por meio
p. 63, 14s	sendo de regra previsíveis,	sendo previsíveis por regra,
p. 63, 21s	Halle determinou <u>ain</u>	Halle impôs como mais

	da que estas matrizes deveriam ser obrigatoriamente conformes a	uma restrição que estas matrizes fossem conformes a
p. 63, 24	Cada par de segmentos deve <u>oporse</u>	Cada par de segmentos deve ser oposto
p. 63, 30	um traço, estando o outro traço em branco,	um traço, para o qual o outro não está especificado,
p. 64, 8s	Por que se impôs a condição de distinção? A razão é que se julgava que, caso	Por que teria sido imposta a condição de distinção? Julgava-se que, caso
p. 64, 11	Por exemplo, que impediria	Por exemplo, o que impediria
p. 64, 27s	O uso inadequado de lacunas é uma solução diversa da que determina a especificação mínima para <u>distinguir</u> segmentos.	O uso inadequado de lacunas é uma questão distinta da determinação da especificação mínima para a <u>distinção</u> de segmentos.
p. 64, 29	Se se adotar o <u>pon</u> to de vista	Se adotarmos o ponto de vista
p. 64, 31	<u>mesmo para matrizes completamente especificadas</u> , das três expressões	<u>mesmo para matrizes completamente especificadas</u> , então das três expressões
p. 65, 1	as lacunas já não podem receber uso impróprio	as lacunas já não podem ser usadas indevidamente
p. 65, 6	diferençar	diferenciar
p. 65, 8s	Não são apenas as redundâncias <u>dentro de um segmento</u> que se podem <u>extrair</u> .	As redundâncias <u>dentro de um segmento</u> não são as únicas que podem ser extraídas.
p. 65, 10	devidas a restrições existentes quanto às	devida a restrições em seqüências fonêmicas

	seqüências fonêmi <u>cas</u> permitidas.	permitidas.
p. 67, 17	Metástase Retarda <u>da</u>	Soltura Retardada
p. 68, 7	estrutura frasal in <u>glesa</u>	estrutura silábica in <u>glesa</u>
p. 69, 10	distribuição grande <u>mente</u> limitada.	distribuição muito limi <u>tada</u> .
p. 70, 6s	Léxicas. . . Léxicas	Lexicais. . . Lexicais
p. 71, 4	mas por qual dos <u>va</u> lores?	mas por qual dos traços?
p. 71, 6	representações léxi <u>cas</u>	representações lexicais
p. 71, 11s	entradas léxicas	entradas lexicais
p. 75, 10	Todas essas modifi <u>cações</u> são denomi <u>nadas</u>	Todas essas modifica <u>ções</u> serão denominadas
p. 77, 15	concordância quanto ao efeito acústico.	concordância quanto à sonoridade,
p. 77, 18	concordam quanto ao efeito acústico, com	concordam, quanto à <u>so</u> noridade, com
p. 78, 9	<u>harmonia vocálica e metafo</u> nia (umlauting)	<u>harmonia vocálica e metafo</u> nia (Umlaut)
p. 78, 25	stündli <u>ç</u>	stündlic
p. 78, 26s	gütik nötik	gütic nötic
p. 78, 2	Em certos morfe <u>mas</u> terminados por vogal, estate.	Palavras francesas po <u>dem</u> terminar por consoante.
p. 80, 6	<u>a</u> banana	<u>a</u> banana
p. 81, 8	Observem-se as for <u>mas</u> de movimento	Observem-se as formas do nominativo
p. 81, 16s	eliminado, em uma sílaba medial pode-se ver	eliminado em uma sílaba medial, pode-se ver

p. 81, 23	a contiguidade de uma cont <u>ínua</u>	a contiguidade de uma não cont <u>ínua</u>
p. 82, 3	conscante mais v,	conscante mais y,
p. 82, 20	líquida seginte;	líquida seguinte;
p. 82, 24	romañç	românico
p. 83, 8s	b <u>õ</u> te t <u>õ</u>	b <u>õ</u> te t <u>õ</u>
p. 83, 10	romance	românico
p. 83, 19	Historicamente, não há suficiente evidência	Historicamente, as vogais nasalizadas do francês realmente evoluíram desta maneira. Contudo não há suficiente evidência
p. 83, 21	tratados como <u>as</u> similação.	tratados como assimilação, seguida por eliminação.
p. 84, 3	(Lei de Seivers).	(Lei de Sievers).
p. 84, 10	por oclusive glotal	por oclusiva glotal
p. 84, 11	consoante oclusiva glotal	consoante mais oclusiva glotal
p. 84, 23	(coluna)	(coluna 1)
p. 84, 30	Metaplasmos de Diminuição e Aumento	Enfraquecimento e Aumento
p. 85, 2	metaplasmo de diminuição, e quais <u>quer</u> mudança	enfraquecimento, e quais <u>quer</u> mudanças
p. 86, 13	São fortes as vogais acentuadas e as tensas.	São fortes, as vogais acentuadas e as tensas.
p. 86, 16	No romance, o <u>e</u> e o <u>o</u>	No românico, o <u>e</u> e o <u>o</u>
p. 86, 30	Rotação Vocálica	Mudança Vocálica
p. 86, 33	a Grande Rotação Vocálica	a Grande Mudança Vocálica

p. 87, 9	Grande Rotação Vocálica	Grande Mudança Vocálica
p. 87, 11	Forma do romance	Forma do românico
p. 87, 21	não sofreram rotação	não sofreram mudança
p. 88, 29	a strivá	a stravá
p. 88, 32s	Donde a ocorrência de neutralização na altura da posição da língua	Conseqüentemente, há neutralização na altura da língua
p. 88, 38	romance	românico
p. 89, 3s	concordam quanto ao efeito acústico, os contrastes a ele referentes	concordam quanto à sonoridade, os contrastes a ela referentes
p. 89, 12s	dado que diferentes vogais não acentuadas todas tendem	dado que todas as diferentes vogais não acentuadas tendem
p. 89, 16	na rubrica metaplasmo de assimilação ou de diminuição	na rubrica de assimilação ou de enfraquecimento
p. 89, 29	modificado	modificado
p. 90, 2	concordar quanto ao efeito acústico	concordar quanto à sonoridade
p. 90, 16s	entre duas vogais quando as mesmas são adjacentes.	entre duas vogais adjacentes
p. 91, 12	referência às duas classes maiores	referência às duas classes principais
p. 91, 19	à identificação específica	à identificação inequívoca
p. 91, 20s	Quais as mudanças e como se deram, são, então, unidas por uma seta que indica a direção em que a mudança se operou.	O que muda e como muda é, então, unido por uma seta que indica a direção em que a mudança se opera.
p. 93, 16	ser interpretada como	ser interpretada como

	mo um artifício de notação	um dispositivo de notação
p. 94, 10	A chave é o artifício usado	A chave é o dispositivo usado
p. 94, 18s	V [+tônica] / ___ Co V [+tônica] / ___ Co #	V → [+tônica] / ___ Co V → [+tônica] / ___ Co #
p. 94, 24	como um artifício formal	como um dispositivo formal
p. 94, 28	V [+tônica] / ___ Co	V → [+tônica] / ___ Co
p. 95, 26	C → ∅ — # $\left\{ \begin{array}{l} C \\ \parallel \end{array} \right.$	C → ∅ / — # $\left\{ \begin{array}{l} C \\ \parallel \end{array} \right.$
p. 96, 16	repete, à esquerda, o que já se conhece.	repete o que já se conhece à esquerda.
p. 97, 2	eliminação, O aparece	eliminação, ∅ aparece
p. 97, 9	símbolo O	símbolo ∅
p. 97, 20	a saber metátese e aglutinação	a saber, metátese e aglutinação
p. 97, 24s	formado por uma oclusão glotal e uma consoante torna-se em consoante oclusão glotal	formado por uma oclusiva glotal e uma consoante torna-se em consoante e oclusiva glotal
p. 98, 8s	o primeiro, é modificado, enquanto o segundo é eliminado.	o primário, é modificado, enquanto o secundário é eliminado.
p. 98, 30s	Quando diferem no efeito acústico, a primeira consoante assimila seu efeito acústico próprio ao da segunda.	Quando diferem na sonoridade, a primeira consoante assimila sua sonoridade própria à da segunda.
p. 99, 8	tem a mesma propriedade acústica que a segunda.	tem a mesma sonoridade de que a segunda.
p. 99, 26s	o primeiro obstruinte toma o mesmo valor para o traço distintivo [sonor] que se encontra no segun	a primeira obstruinte toma o mesmo valor para o traço distintivo [sonor] que se encontra na segunda obstruinte.

	do obstruinte.	
p. 100, 1	as tônicas <u>ε</u> e <u>ɔ</u>	as tônicas <u>ɛ</u> e <u>ɔ</u>
p. 100, 2s	<u>ε</u> torna-se em <u>ʏ</u> e <u>ɔ</u>	<u>ɛ</u> torna-se em <u>ʏ</u> e <u>ɔ</u>
p. 100, 22	Regras com Diver- sas Variáveis	Regras com mais de uma Variável
p. 100, 101 32-1	Isto também se re- vela verdadeiro	Isto também é válido
p. 101, 7	ɣ apical	β apical
p. 101, 13	ɣ apical	α apical
p. 101, 18	se o obstruinte <u>ti</u> ver	se a obstruinte tiver
p. 101, 19	quando o obstruinte for	quando a obstruinte for
p. 102, 14	a Grande Rotação Vocálica	a Grande Mudança Vocá- lica
p. 102, 17	tornaram-se as vogais	tornaram-se nas vogais
p. 102, 20s	consideremos ape- nas as mudanças na altura das vo- gais e ignoremos	consideraremos apenas as mudanças na altura das vogais e ignorare- mos
p. 102, 23	<u>ū</u>	<u>ū</u>
p. 102, 26	descrevem esta rotação	descrevem esta mudan- ça
p. 102, 28-30	Primeiro as vo- gais altas e mé- dias são baixas sofrem permuta- ta - as médias tornam-se bai- xas e as vogais médias	Primeiro, as vogais al- tas e médias são permuta- das - as originalmen- te altas tornam-se bai- xas e as vogais médias
p. 103, 5	Dado que a rotação vocálica	Dado que a mudança vo- cálica

p. 103, 9-15	V -baixa α alta β posterior β arredondada +tensa +tônica	$\left[ \begin{array}{l} V \\ -baixa \\ \alpha alta \\ \beta posterior \\ \beta arredondada \\ +tensa \\ +tônica \end{array} \right]$
p. 103, 16-22	V - alta α baixa β posterior β arredondada +tensa +tônica	$\left[ \begin{array}{l} V \\ -alta \\ \alpha baixa \\ \beta posterior \\ \beta arredondada \\ +tensa \\ +tônica \end{array} \right]$
p. 104, 5	$C_0^1 = (C); C_0^2 = (C)(C); C_1^2 = C(C)$	$C_0^1 = (C), C_0^2 = (C)(C), C_1^2 = C(C)$
p. 104, 8	a ser equivalente	e ser equivalente
p. 104, 14	artifícios de eco- nomia	artifícios de abrevia- ção
p. 105, 9	#elektrik +iti#	#elektris +iti#
p. 105, 12	[əletrisitij]	[əlektrisitiy]
p. 105, 13s	Para que a primei- ra desta represen- tações fosse torna- da na última,	Para converter a pri- meira destas represen- tações na última,
p. 105, 16	tornou-se tensa a vogal final	a vogal final tornou-se tensa
p. 106, 3	Se não se tem uma representação	Se temos uma represen- tação
p. 106, 19-22	Em algum ponto é necessário deter- minar todos os mo- dos em que um mor- fema se realiza fo- neticamente.	Em algum ponto neces- sitamos determinar to- das as formas em que um morfema é realiza- do foneticamente.
p. 107, 2	é a situação crucial	é a ambiência crucial
p. 107, 3	Se se decide que	Se decidirmos que
p. 107, 6	se se pressupõe que	se pressupormos que

p. 107, 13	se se escolher a <u>se</u> gunda alternativa	se escolhermos a <u>se</u> gunda alternativa
p. 107, 19s	Uma vez que, em formas fonéticas não aparecem <u>sím</u> bolos marcadores de juntura, estes são apagados no último	Uma vez que <u>símbolos</u> de juntura não <u>aparecem</u> em formas fonéticas, <u>es</u> tes são suprimidos como último
p. 107, 25s	Se se continuar a busca no francês, encontrar-se-ão outras evidências que não é inserida consoante.	Se continuarmos a busca no francês encontraremos outras evidências de que uma consoante não é in- serida.
p. 107, 34s	3 Não é verdadei- ro para a língua portuguesa. Em inglês o adjetivo "benito" é invariá- vel (N. do T.)	
p. 108, 2	pati gars <u>o</u>	pati gars <u>õ</u>
p. 108, 12	dedus-se	deduz-se
p. 108, 23	Mas se se modi- ficar	Mas se modificarmos
p. 108, 24	poder-se-á res- ponder	poderemos responder
p. 109, 14s	obstruintes son <u>o</u> ros e sur <u>o</u> s	obstruintes sonoras e sur <u>o</u> das
p. 109, 22s	um obstruinte <u>sur</u> do	uma obstruinte sur <u>o</u> da
p. 109, 23	em sonoro	em sonora
p. 109, 25	obstruintes sur <u>o</u> s	obstruintes sur <u>o</u> das
p. 109, 30	obstruintes sur <u>o</u> s e sonoros	obstruintes sur <u>o</u> das e <u>so</u> noras
p. 109, 35	os obstruintes <u>finals</u>	as obstruintes <u>finals</u>
p. 109, 40	#bund + #	#bund + e #

p. 109, 41	Eliminação C	Ensurdecimento <u>Conso</u> nantal
p. 110, 25	te <u>á</u>	ter <u>á</u>
p. 110, 32	<u>mutit</u>	<u>mutut</u>
p. 110, 34	Ensurdecimento consonantal	Harmonia sufixal
p. 111, 18	<u>roubar</u>	"roubar"
p. 111, 19	uma regra que diminua a eleva- ção de vogais	uma regra que abaixe vogais
p. 111, 20s	(Um <u>u</u> breve <u>sub</u> jacente nunca <u>tem</u> sua elevação <u>dimi</u> nuída —	Um <u>u</u> subjacente nunca é abaixado —
p. 111, 24	<u>mutut, e</u>	<u>mutut e</u>
p. 111, 30s	servem como apo- io para a coloca- ção de vogais	apoiam a colocação das vogais
p. 112, 11	Já é sabido, porém,	Já sabemos, porém
p. 112, 31	seja arredondada e alta	for arredondada e alta
p. 112, 34s	fenômenos fonoló- gicos que, à <u>prí</u> - meira vista, <u>pare</u> cem irregular, mas que se pode demons- trar,	fenômenos fonológicos que, à primeira vista, parecem irregulares, mas que podemos demons- trar,
p. 112, 37	Deve-se esta surpre- endente análise	Deve-se esta interes- sante análise
p. 113, 1	vogais tónicas e fr <u>ou</u> xas:	vogais tónicas tensas e fr <u>ou</u> xas:
p. 113, 12s	<u>divin, deriv, seren,</u> <u>metr, saen, profaen</u>	<u>divin, deriv, seren, metr</u> <u>saen, profaen</u>
p. 113, 13	Estas representa- ções mostram	Eles mostram
p. 113, 17	a antepenúltima <u>vo</u> gal tensa	uma v. gal tensa antepen- última

p. 113, 22	se torne frouxe,	se torne frouxa.
p. 113, 25	dəvɪnətiy	dəvɪnətɪy
p. 113, 31s	torna-se central, cedendo lugar a äy,	torna-se central, resultando em äy,
p. 114, 3	Rotação vocálica	Mudança vocálica
p. 114, 6	səriŋ	səriŋ
p. 114, 15	surge foneticamente na superfície	aparece na superfície fonética
p. 114, 16s	pode-se provar a qualidade	pode-se predizer a qualidade
p. 114, 22	as regras de rotação	as regras de mudança
p. 114, 23	ajustam-se à qualidade da vogal	ajustam a qualidade desta vogal
p. 114, 25	Suplência	Supletivismo
p. 114, 25-30	teriam de ser listadas	teriam de ser alistadas
p. 114, 39	têm de estar listadas no léxico.	têm de estar alistadas no léxico.
p. 114, 41	<u>Suplência</u>	<u>Supletivismo</u>
p. 115, 4s	subjacente sofre "desvio" de	subjacente se afasta de
p. 115, 12	as regras que a acompanham são bem fundamentadas	as regras que a acompanham são bem motivadas
p. 115, 18	Suplência	Supletivismo
p. 115, 29	e vogais radicais verbais	e vogais de radicais verbais
p. 115, 34s	Aspectos Comuns aos Processos Sincronico e Diacrônico	Semelhanças entre os Processos Sincronicos e Diacrônicos
p. 115, 38s	num estágio anterior, o alemão teve obstruintes	num estágio anterior, o alemão teve obstruintes sonoras

	sonoras	
p. 117, 1	As regras fonológicas que organizam representações	As regras fonológicas que projetam representações
p. 117, 6	a regra de harmonia sufixal alta se torne	a regra de harmonia sufixal que faz com que uma vogal alta se torne
p. 117, 25	l Sic (N. do T.)	
p. 118, 10	aparecer antes de uma oclusão glotal consonantal	aparecer antes de consoante mais golpe de glote
p. 118, 19	ordenados de forma precisa	crucialmente ordenados
p. 118, 24	vir imediatamente após	vir após
p. 118, 34	(ou a vogal do ditongo)	(ou a parte vocálica do ditongo)
p. 118, 35	na vibrante simples <u>D</u>	na vibrante simples <u>D</u> (ver p. 39).
p. 119, 5	transformação de fonema	transformação de dentais
p. 119, 10	na especificação do traço para <u>D</u> .	na especificação dos traços para <u>D</u> .
p. 119, 17s	Transformação em vibrante simples	Alongamento vocálico
p. 119, 19	Alongamento vocálico — — # rayD+ər# #ra:yD+ər#	Transformação em vibrante simples — — #râyD+ər# #râyD+ər#
p. 119, 30	Alongamento vocálico	Transformação em vibrante simples
p. 119, 31s	Transformação em vibrante simples	Alongamento vocálico
p. 119, 32	rayt...ra:yDər	rây...râyDər
p. 119, 34	O resultado de uma regra trans	A saída de uma regra transforma-se no insu-

	forma-se no insumo	mo
p. 120, 6	Se algumas das regras imediatamente precedentes não se houverem aplicado a uma forma.	Se algumas das regras imediatamente precedentes não se aplicarem a uma forma
p. 120, 32s	Ordem quantitativa crescente é ordem quantitativa decrescente	Ordenamento de aplicação maximizante e ordenamento de aplicação minimizante
p. 120, 38-40	- em que a sonorização precede a trans formação em vibrante simples - a regra de sonorização	- em que o alongamento precede a transformação em vibrante simples - a regra de alongamento
p. 121, 4	precede a sonorização-	precede o alongamento -
p. 121, 9	em que a aplicação de uma regra	em que a saída de uma regra
p. 121, 12	caso a aplicação da primeira regra diminua	caso a saída da primeira diminua
p. 121, 30	um <u>output</u> diferente	uma saída diferente
p. 122, 11	Por exemplo, se se abandonassem	Por exemplo se abandonássemos
p. 122, 30s	generalizações	generalizações
p. 123, 27	dois acentos* <u>admirável</u>	dois acentos* <u>admirável</u>
p. 123, 34	regras posteriores encontram condições	regras posteriores preenchem as condições
p. 123, 37	(a primeira que se aplicar)	(a primeira aplicável)
p. 124, 18	desde que a regra entre parênteses	desde que a regra que contém parênteses
p. 124, 22	se se aplica à	se é aplicável à
p. 125, 23	o resultado de	a saída de
p. 126, 32	dialetos	dialetos
p. 128, 13	Metástase Retar-	Soltura Retardada

	dada	
p. 128, 23	obstruientes sonoros	obstruintes sonoras
p. 129, 6	a regra de dessonorização não se aplica	a regra de ensurdecimento se aplica
p. 129, 12	não se enquadra ele na restrição	não se enquadra na restrição
p. 129, 18	Aplicação da Regra de Vazio	Aplicação Vazia de Regras
p. 129, 19	Na Regra de dessonorização alemã	Na regra de ensurdecimento alemão
p. 129, 27	o valor para o efeito acústico	o valor para a sonoridade
p. 129, 32	Se for aplicada a regra, ela o será no <u>vazio</u> .	Se a regra for aplicada, ela o será em <u>vazio</u> .
p. 129, 34	aplicação no vazio <u>para</u>	aplicação vazia para
p. 129, 35	Este vazio não deve	Esta vacuidade não deve
p. 130, 8	a regra de dessonorização do alemão	a regra de ensurdecimento do alemão
p. 130, 12	- metástase retardada	- soltura retardada
p. 131, 18	1, leve aspiração	1, aspiração leve
p. 131, 19	3, forte aspiração	3, aspiração forte
p. 131, 37	interessados em <u>conhecer</u> , quanto ao som, quais os traços distintivos que implicam <u>diferenciação</u> de formas.	interessados em saber, quais os traços do som que podem diferenciar formas.
p. 132, 1	distintivo se faz <u>presente</u> aí,	distintivo está presente,
p. 132, 27s	- e; a; e o:-	- e; a; e o:-
p. 133, 9	(subjacente) fonêmica sistemática	fonêmica sistemática (subjacente)
p. 133, 20s	as representações (fonêmicas <u>sistemá</u>	as representações abstratas subjacentes (fo-

	licas) abstratas subjacentes em representações (fonéticas sistemáticas) derivadas <u>superficiais</u> .	nêmicas sistemáticas) em representações derivadas <u>superficiais</u> (fonéticas sistemáticas).
p. 133, 28	as representações fonêmicas taxonômicas e derivada.	as representações fonêmicas taxonômicas e as derivadas.
p. 134, 1	ordenam segmentos subjacentes abstratos.	projetam segmentos subjacentes abstratos.
p. 134, 17	representações (fonêmicas sistemáticas) subjacentes	representações subjacentes (fonêmicas sistemáticas)
p. 134, 24s	fonéticas sistemáticas são <u>hipotéticas</u>	fonêmicas sistemáticas são <u>abstratas</u>
p. 134, 26	símbolos hipotéticos	símbolos abstratos
p. 134, 28	a vogal hipotética	a vogal abstrata
p. 135, 6	u;	u;
p. 135, 19	o argumento de "simplicidade" está em perigo	um argumento de "simplicidade" está em jogo
p. 135, 23	[sudu:k?ut].	[sudu:k?ut].
p. 135, 26	segmentos (hipotéticos) subjacentes e segmentos (fonéticos) derivados	segmentos subjacentes (abstratos) e segmentos derivados (fonéticos)
p. 135, 31	representações (fonêmicas sistemáticas) hipotéticas	representações abstratas (fonêmicas sistemáticas)
p. 135, 38	<u>naturais</u> , que são	<u>naturais</u> que são
p. 136, 11	compostos e locuções têm nuances de tonicidade diferentes.	compostos e locuções têm contornos de acentuação diferentes.
p. 136, 18	<sup>1</sup> bláckbárd (certo tipo de pássaro)	<sup>1</sup> bláckbárd ( <sup>2</sup> gráuna)

p. 137, 8	Os três diagramas a seguir	Os diagramas a seguir
p. 137, 13	são representados por N	são representados por S
p. 137, 26s	formular regras para derivar as nuances de tonicidade	formular regras para derivar os contornos de acentuação
p. 138, 1	I: Nas locuções, o acento primário	I: Nos compostos, o acento primário
p. 138, 9	para mostrar que se trata de	para indicar a
p. 138, 15s	contornos de tonicidade	contornos de acentuação
p. 139, 1	A tonicidade relativa é consequência	As relações de acentuação são consequência
p. 139, 5	o contorno de tonicidade	o contorno de acentuação
p. 139, 13	(black bird's nest) <sub>S</sub> LN	(black (bird's nest) <sub>S</sub> ) LN
p. 139, 14	Acento do elemento	Acento de palavra
p. 139, 15	Acento do composto	Acento de composto
p. 139, 16	Acento da locução	Acento de locução
p. 139, 20s	o contorno de tonicidade	o contorno de acentuação
p. 140, 1	o contorno de tonicidade	o contorno de acentuação
p. 140, 10	<sup>1</sup> Frénch <sup>2</sup> teacher, <sup>1</sup> phys- ics professor <sup>9</sup>	<sup>1</sup> Frénch <sup>2</sup> teacher, <sup>1</sup> phys- ics professor <sup>9</sup>
p. 140, 15	Tonicidade do vocábulo	Acento de palavra
p. 140, 16	Ciclo 1: tonicidade da locução	Ciclo 1: acento de locução
p. 140, 17	Ciclo 2: tonicidade do composto	Ciclo 2: acento de composto
p. 140, 18	Ciclo 3: tonicidade da locução	Ciclo 3: acento de locução

p. 141, 2	A análise cíclica da tonicidade	A análise cíclica da acentuação
p. 141, 9	a primeira e a terceira pessoas	a primeira e a segunda pessoas
p. 142, 4	Uma forma como <u>kantaba</u> " (ele) <u>es</u> tava cantando ou (ele) cantava"	Uma forma como <u>kantaba</u> "cantava"
p. 142, 6	"cant -"	"cantar"
p. 142, 20s	*Pedro estava <u>can</u> tando (ou cantava) ontem"	"Pedro cantava ontem"
p. 143, 25	marcador de tensão	marcador de tempo
p. 144, 25	[# [[segmento] Subst	[# [[segmento] Subst
p. 145, 6-8	$V \rightarrow [+ \text{tônica}] / \begin{matrix} X \\ + \text{passado} \\ - \text{imperfeito} \end{matrix}$	$V \rightarrow [+ \text{tônica}] / \begin{matrix} X \\ + \text{passado} \\ - \text{imperfeito} \end{matrix}$
p. 145, 20s	[ V ] o longa	[ V ] a longa
p. 146, 16	restrições acústicas	restrições de sonoridade
p. 146, 21	Traços de Regras <u>Ne</u> gativas	Traços de Interdição de Regras
p. 147, 18	traços de regras <u>ne</u> gativas	traços de interdição de regras
p. 147, 19	O traço de regra <u>negati</u> va oferece a seguinte	O traço de interdição de regra tem a seguinte
p. 147, 24	REGRAS MENORES	REGRAS SECUNDÁRIAS
p. 147, 28	A regra a seguir <u>ex</u> pressa essas formas como:	Podemos explicar estas formas com a seguinte regra:
p. 148, 8	são chamadas <u>regras</u> menores	são chamadas <u>regras se</u> cundárias

p. 148, 9	se aplicam as <u>re</u> gras menores	se aplicam as regras <u>se</u> secundárias
p. 148, 11	traços de <u>regras</u> positivas	traços de <u>aplica</u> ção de regras
p. 148, 15	traço de regra positiva	traço de <u>apli</u> cação de regra
p. 148, 18	regras menores	regras secundárias
p. 148, 23	e é este padrão "menor" que se expressa por <u>me</u> io de uma regra menor	e é este padrão "secun-dário" que se expressa por meio de uma regra secundária.
p. 149, 2	regras menores	regras secundárias
p. 149, 4	precisarão ser listadas	precisarão ser alistadas
p. 149, 5	de <u>suplê</u> ncia. Alterações nos sons de uma <u>lín</u> gua	de <u>supletivismo</u> . Mudanças fonológicas de uma língua
p. 149, 11	alteração num som não serão afetadas por essa alteração.	mudança fonológica não serão afetadas por essa mudança.
p. 151, 13	A estrutura que estabelecemos até aqui	O referencial teórico que estabelecemos até aqui
p. 151, 32	os obstrui	as obstrui
p. 151, 33s	mais complexo de escrever do que a regra natural que os dessonoriza <u>nes</u> te	mais complexa de <u>escre</u> ver do que a regra natural que as ensurdece <u>nes</u> te
p. 152, 21	a situação <u>inespera</u> da	a situação esperada
p. 152, 35	uma articulação com a parte bucal da <u>lín</u> gua	uma articulação com o ápice da língua
p. 153, 21	para traço	para o traço

p. 154, 8	o valor marcado	o valor não marcado
p. 154, 20	NM sonora → [sonoro] / [a soante] M soante → [-a sonoro] / [a soante]	
	[NM sonora] → [a sonoro] / [a soante] [M sonora] → [-a sonoro] / [a soante]	
p. 154, 26	Observou-se pa ra os obstruintes	Observou-se para as obstruintes
p. 154, 28	em línguas que não têm obstruin tes sonoros e sur dos	em línguas que não têm obstruintes sonoras e surdas
p. 154, 29	ocorre freqüente mente que os obs truintes sejam sur dos	ocorre freqüentemente que as obstruintes se jam surdas
p. 155, 2	ambos no mesmo segmento e em seg mentos adjacentes	tanto no mesmo segmen to como em segmentos adjacentes
p. 155, 7	Os obstruintes so noros do alemão	As obstruintes sonoras do alemão
p. 155, 8	tornaram-se surdos	tornaram-se surdas
p. 155, 19s	entre os obstruintes	entre as obstruintes
p. 155, 27	Seria redundante ar gumentar-se	Seria circular argumen tar-se
p. 155, 36	nas soantes e nos obstruintes	nas soantes e nas obs truintes
p. 155, 39	como para os obs truintes	como para as obstruin tes
p. 156, 2	obstruintes sono ros	obstruintes sonoras
p. 156, 10	o <u>ç</u> inicial	o <u>ç</u> inicial
p. 156, 29	posição de pala vra	posição final de palavra
p. 157, 20s	não queremos su pervalorizar uma regra	não gostaríamos de dar um alto valor

p. 157, 25	obstruintes são des sonorizados em po sição final,	obstruintes são ensur cidas em posição final,
p. 158, 2	os obstruintes se tornam sonoros	as obstruintes se tornam sonoras
p. 158, 23	regras que levem a segmentos me nos marcados e a seqüências de seg mentos.	regras que levem a seg mentos e a seqüências de segmentos menos marca dos.
p. 158, 25	dinâmica da tonici dade, intensifica ção, enfraquecimen to e rotação vocálica	dinâmica da acentuação, intensificação, enfracue cimento e mudança voca lica
p. 159, 15	podem ser agrupadas em chaves	podem ser unidas por chaves
p. 159, 19	Segue-se outro exem plo	Este é mais um exem plo
p. 161, 4	o valor marcado	o valor não marcado
p. 161, 12	ítems léxicos	ítems lexicais
p. 161, 15	o obstruinte ótimo é surdo	a obstruinte ótima é sur da
p. 161, 16s	obstruintes, em po sição final de pala vra, que sofreram a regra de neutraliza ção (dessonorização)	obstruintes em posição final de palavra que so freram a regra de neu tralização (ensurdecimen to)
p. 161, 24	representações léxi cas	representações lexicais
p. 163, 6s	lingüísticas — fisio lógica e/ou psicoló gica	lingüísticas — fisiológi cas e/ou psicológicas
p. 165, 24	Child Language, Aspha sia	Child Language, Apha sia
p. 165, 34	MacGraw-Hill, 1966.	McGraw-Hill, 1966.
p. 166, 13	SCHACTER, P.	SCHACHTER, P.
p. 166, 24	Linguistics Notes	Linguistic Notes

muito das que foram discutidas em relação à análise lingüística. Contudo, não poderão.

A aplicação do princípio da primazia da fala ao ensino foi considerada uma das grandes contribuições da lingüística. Pode-se perguntar, entretanto, como faz Saporta (1973:296), se realmente se trata de um princípio de natureza lingüística. Ele conclui que não, porque envolve também considerações de psicologia e de pedagogia. Desta forma, pode-se ver que não é possível responder a todos os problemas relativos ao ensino de línguas fundando-se exclusivamente na lingüística e o fato de esse procedimento ter sido comum há alguns anos não justifica que se aceite passivamente o que foi postulado.

As justificativas encontradas na bibliografia são as seguintes:

a) O ensino deve conceder primazia à fala pois é essa a maneira como a criança aprende sua Língua Materna (LM);

b) Aprender uma Língua Estrangeira (LE) dando primazia à fala é a maneira natural de aprender;

c) Deve-se ensinar primeiro a fala porque a escrita constitui apenas uma representação imperfeita daquela;

d) Há maior transferência de aprendizagem se o aluno parte da fala para a escrita do que o contrário;

e) A transferência de aprendizagem partindo da fala para a escrita é mais fácil;

f) Deve-se conceder primazia à fala para evitar interferência da LM na decodificação dos sinais gráficos da LE.

É preciso observar que este princípio tem sido adotado pelos proponentes das duas principais correntes metodológicas de ensino de línguas da atualidade: a audiolingual e a audiovisual. Apesar das grandes diferenças entre elas, pode-se considerar que, a priori, a discussão que se segue vale para ambas. Uma análise mais particularizada, que ultrapassa o objetivo deste trabalho, poderia medir as conseqüências em cada caso.

### 3. ANÁLISE DAS JUSTIFICATIVAS PARA A PRIMAZIA DA FALA NO ENSINO DE LÍNGUAS

#### 3.1. Semelhança com a aprendizagem da LM pela criança

Justificativa 1: o ensino deve conceder primazia à fala pois é essa a maneira como a criança aprende sua LM.

Haugen (1968), em seu artigo sobre o 'Oral Approach', coloca que não é possível postular que um aluno adolescente ou adulto deva reconstituir todos os passos da aprendizagem da LM pela criança, uma vez que já adquiriu um sistema lingüístico, uma cultura e a capacidade de pensar, aspectos que interferem necessariamente na aprendizagem da LE. Considera aconselhável superar esta

interferência e, para tanto, enfatiza a aquisição dos sons da LE como tarefa primeira, tal como acontece na aprendizagem da LM pela criança.

Rivers (1975:35-6) também salienta a importância da aquisição do sistema sonoro da LE e do desenvolvimento de uma pronúncia o mais aproximada possível da do falante nativo.

Esta preocupação com o sistema sonoro parece refletir, no mínimo, uma grande influência da fonética e da fonologia. Além disso, pode indicar também uma visão superficial da aquisição da linguagem pela criança. É preciso examinar mais cuidadosamente estes dois aspectos.

#### 3.1.1. Influência da fonética e da fonologia

São bem conhecidos os progressos enormes da fonética e da fonologia desde o início deste século. Tais progressos tiveram como conseqüência no ensino a acentuada importância concedida à fala, à pronúncia, a fenômenos vocais e auditivos. Foi assim que, nos métodos audiolinguais produzidos nos EUA, conforme Haugen (1968:3-4), enfatizou-se tanto uma fase inicial do ensino dedicada exclusivamente ao treinamento dos sons da LE. Por outro lado, nos métodos audiovisuais franceses, conforme Renard (1965:55-7), deu-se importância ao treinamento da audição antes da articulação, como uma constante na primeira fase de cada lição. Em ambos os casos subjaz enorme pesquisa no campo da fonética. Nos EUA esta pesquisa é essencialmente de caráter analítico, segmental, e, na França, de caráter sintético, global. No primeiro caso, importa treinar os sons isoladamente. No segundo, importa treiná-los em enunciados representativos. O que há de comum nas duas correntes é a idéia de condicionamento auditivo e articulatório como condição básica e primeira para a aprendizagem da LE.

Não se pode negar que o aluno de LE enfrenta dificuldades auditivas e articulatórias, mas pode-se questionar o grau de importância concedido a este fator. A língua, tanto numa visão estrutural como transformacional, é muito mais do que um sistema sonoro. Pode-se dizer mesmo que em ambas as correntes este componente é responsável apenas pelo produto final, o enunciado sob a forma vocal, o qual seria impossível sem a organização sintática e o valor semântico. Sendo assim, é possível sustentar que se deva necessariamente começar pelo resultado final? A resposta não pode ser definitiva. Apenas pode-se salientar que, se a aprendizagem deve começar com algo concreto, o que parece razoável, então a posição audiovisual parece mais acertada por não isolar os sons, por não tornar tão artificial a sua aquisição e, principalmente, por conceder certa simultaneidade ao trabalho acústico, articulatório e funcional do aluno em relação aos enunciados da LE que deve aprender.